

Single 'Rio Grande' marca a volta do Boca Livre

PÁGINA 3



Caio Blat se diz seduzido pelas fronteiras da arte

PÁGINA 5



Djaimilia e Epalanga, autores de língua 'pretuguesa'

PÁGINA 7



## 2º CADERNO

Divulgação

Gravada em casa por John Lennon, 'Now and Then' será finalmente apresentada ao mundo nesta quinta-feira



Jonh, Ringo, Paul e George em registro de 1968

# O sonho não acabou: tecnologia reúne os Beatles em faixa inédita

**J**untos e separados, os Beatles sempre souberam lidar com o inesperado. Agora, 2023 traz um dos lançamentos mais aguardados de sua longa e infinitamente agitada história. "Now and Then" é a última música dos Beatles — escrita e cantada por John Lennon, desenvolvida e trabalhada por Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr, e agora, mais de quatro décadas depois, finalmente finalizada por Paul e Ringo.

A canção será lançada mundialmente às 14h GMT (11h de Brasília) nesta quinta-feira (2) numa parceria entre a Apple Corps, Capitol Records e Universal Music. O single duplo junta a última música dos Beatles com a primeira: "Love Me Do", o single de estreia da banda no Reino Unido em 1962. Ambas foram mixadas em estéreo e Dolby e o lançamento tem uma capa original criada pelo artista visual Ed Ruscha. O novo videoclipe de "Now and Then" será lançado na sexta-feira.

O documentário de 12 minutos "Now and Then — The Last Beatles Song", escrito e dirigido por Oliver Murray, será lançado nesta quarta-feira (1º). A estreia global on-line do filme será realizada no

canal do YouTube dos Beatles às 19h30 GMT (16h30 no horário de Brasília).

O comento curta-metragem conta a história por trás da última música dos Beatles, com imagens

exclusivas e comentários de Paul, Ringo, George, Sean Ono Lennon e Peter Jackson.

Em 10 de novembro, as coletâneas dos Beatles "1962-1966" (apelidado "Álbum Vermelho") e

"1967-1970" (apelidado "Álbum Azul") serão lançadas em pacotes edição 2023. Desde que suas primeiras encarnações surgiram, há 50 anos, esses álbuns apresentaram a música dos Beatles a sucessivas gerações. Agora, suas listas de faixas foram ampliadas, com todas as músicas mixadas em estéreo real e Dolby. As novas coleções em vinil, CD quadruplo e em seis vinis de 180 gramas juntam o "Vermelho" e o "Azul" em sets encadernados. A versão do Reino Unido do single "Love Me Do" agora é a faixa de abertura de "1962-1966" (2023 Edition), e "Now and Then" foi incluída em "1967-1970" (2023 Edition), completando, assim, as coletâneas que abrangem toda a carreira da banda.

**Continua na página seguinte**

# Tudo começou com *uma fita demo*

Reprodução X



**Ringo e Paul recorreram às novas tecnologias para dar qualidade à fita de John**

**A** história de “Now and Then” começa no final da década de 1970, quando John gravou uma demo com vocais e piano em sua casa no edifício Dakota, em Nova York. Em 1994, sua esposa, Yoko Ono Lennon, entregou a gravação a Paul, George e Ringo, juntamente com as demos de John para “Free As A Bird” e “Real Love”, que foram concluídas como novas músicas dos Beatles e lançadas como singles em 1995 e 1996, respectivamente, como parte do projeto “The Beatles Anthology”.

Ao mesmo tempo, Paul, George e Ringo também gravaram novas partes e concluíram uma mixagem preliminar de “Now and Then” com o produtor Jeff Lynne.

Naquele momento, limitações tecnológicas impediram que os vocais e o piano de John fossem separados para obter a mixagem clara e límpida necessária para finalizar a música. “Now and Then” foi engavetada, com a esperança de que um dia fosse revisitada.

Corta para 2021, e o lançamento da série documental “The Beatles: Get Back”, dirigida por Peter Jackson, que surpreendeu os espectadores com sua premiada restauração de filme e áudio. Usando a tecnologia de áudio MAL da WingNut Films, a equipe de Jackson havia mixado a trilha sonora mono do filme, conseguindo isolar instrumentos e vocais, e todas as vozes individuais nas conversas dos Beatles. Esse feito abriu caminho para a nova mixagem de 2022 de “Revolver”, obtida diretamente das fitas master de quatro faixas. Isso levou a uma pergunta: o que poderia ser feito agora com a demo

“Now and Then”? Peter Jackson e sua equipe de som, liderada por Emile de la Rey, aplicaram a mesma técnica à gravação caseira original de John, preservando a clareza e a integridade de sua performance vocal original ao separá-la do piano.

Em 2022, Paul e Ringo começaram a completar a música. Além do vocal de John, “Now and Then” inclui guitarra e violão gravados em 1995 por George, uma nova parte da bateria de Ringo e baixo, violão e piano de Paul, que combinam com a interpretação original de John. Paul acrescentou um solo de slide guitar inspirado em George; ele e Ringo também contribuíram com backing vocals para o refrão.

Em Los Angeles, Paul supervisionou uma sessão de gravação no Capitol Studios para o arranjo de cordas docemente melancólico, característico dos Beatles,

escrito por Giles Martin, Paul e Ben Foster. Paul e Giles também acrescentaram um último toque maravilhosamente sutil: backing vocals das gravações originais de “Here, There And Everywhere”, “Eleanor Rigby” e “Because”, incorporados à nova música, usando as técnicas aperfeiçoadas durante a produção do show e do álbum “Love”. A faixa finalizada foi produzida por Paul e Giles, e mixada por Spike Stent.

Paul comenta: “Lá estava ela, a voz de John, cristalina. É bastante emotiva. E todos nós tocamos nela, é uma gravação genuína dos Beatles. Em 2023, ainda estar trabalhando em músicas dos Beatles e prestes a lançar uma nova música que o público ainda não ouviu é algo emocionante”.

“Foi o mais próximo que chegamos de tê-lo de volta na sala, então foi muito emocionante para todos nós. Foi como se John

estivesse lá, você sabe. É muito distante”, completa Ringo.

Viúva de George, Olivia Harrison recorda as gravações realizadas em 1995. “Depois de vários dias no estúdio trabalhando na faixa, George sentiu que os problemas técnicos da demo eram insuperáveis e concluiu que não era possível terminar a faixa em um padrão suficientemente alto. Se ele estivesse aqui hoje, teria se juntado a Paul e Ringo, de coração, para concluir a gravação de ‘Now and Then’”, assegura.

Para Sean Ono Lennon, filho mais novo de John, a emoção falou alto no processo de resgate da canção. “Foi incrivelmente comovido ouvi-los trabalhando juntos depois de todos esses anos desde que papai se foi. É a última música que meu pai, Paul, George e Ringo fizeram juntos. É como uma cápsula do tempo, tem o sentimento de que tinha que ser

mesmo assim”.

A empolgação e a expectativa por “Now and Then” vêm crescendo desde junho, quando Paul fez a primeira provocação sobre “uma nova música dos Beatles” em uma entrevista à mídia. Finalmente, na quinta-feira, 2 de novembro, “Now and Then” será compartilhada com o mundo, do jeito como foi feita para ser escutada.

Essa última parte da história gravada dos Beatles será seguida por novas edições dos dois álbuns de compilação, sempre vistos como a introdução definitiva ao trabalho deles. Desde sua estreia em 1973, as coletâneas “1962-1966” (o “Álbum Vermelho”) e “1967-1970” (o “Álbum Azul”) levaram incontáveis ouvintes de todas as idades, de todas as partes do mundo, a serem fãs dos Beatles por toda a vida. Expandidas para este novo lançamento Edição 2023 (marcado para 10 de novembro), as coletâneas abrangem todo o cânone gravado dos Beatles, com 75 faixas de destaque, desde o primeiro single, “Love Me Do”, até o último, “Now and Then”. As 21 faixas recém-adicionadas das coletâneas (doze no “Vermelho” e nove no “Azul”) apresentam ainda mais das melhores músicas dos Beatles.

Nos últimos anos, várias faixas de “1967-1970” e algumas de “1962-1966” receberam novas mixagens em estéreo e Dolby Atmos para os lançamentos de álbuns das edições especiais dos Beatles, incluindo “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band” (2017), “The Beatles” (“Álbum Branco”) (2018), “Abbey Road” (2019), “Let It Be” (2021) e “Revolver” (2022), bem como novas mixagens em estéreo para “The Beatles 1” (2015). Todas as faixas que não foram incluídas nesses lançamentos foram mixadas em estéreo e/ou Dolby Atmos por Giles Martin e Sam Okell no Abbey Road Studios, com o auxílio da tecnologia de desmixagem de áudio da WingNut Films. Ambas as coleções incluem novos ensaios escritos pelo jornalista John Harris.

# Canção com gosto de regresso

Parceria de Zé Renato com Nando Reis, 'Rio Grande' sela a volta do Boca Livre

Um mês depois de anunciar seu retorno, o Boca Livre apresenta "Rio Grande" (Som Livre / MPB Discos), single inédito que acaba de chegar aos aplicativos de música.

O videoclipe, dirigido por Susanna Lira, está em lançamento no canal da Som Livre no YouTube. Composta por Zé Renato e Nando Reis, a faixa marca a retomada do grupo: a velha amizade e, principalmente, a harmonia - musical em geral e vocal em particular - venceram.

Com melodia de Zé Renato, a música tem harmonia calcada no violão de cordas soltas, com espaços para viola, solos vocais e aberturas de vozes. A temática da letra de Nando, cheia de alusões à natureza, nos faz quer acaba de nascer um novo clássico do Boca Livre.

Admirador de longa data do



David Tygel, Zé Renato, Lourenço Baêta e Maurício Maestro: reconciliação

grupo, Nando Reis celebra o resultado da composição e, também, o fato de a canção ter sido escolhida para ser lançada na volta do quarteto. "O Boca Livre faz parte da minha história, da história da música do Brasil, de brasileiros e brasileiras como eu. Imediatamente aceitei o convite do Zé Renato. Sobretudo, porque a melodia que

ele me mandou era muito linda, como todas as que ele faz. Escrevi a letra inspirado pela própria melodia e pela relação afetiva que tenho com o Boca Livre", conta o ex-titã.

"Rio Grande" foi gravada no estúdio Visom Digital, com arranjo de Maurício Maestro - também na voz e no baixo elétrico - e produção musical de Zé Nogueira (que

gravou o sax soprano e executou as programações).

A formação se completa com Zé Renato (violões), David Tygel (viola) e Lourenço Baeta (flauta), além de Marcelo Costa (presente desde o primeiro disco), na bateria e na percussão; João Carlos Coutinho, nos teclados; e Aleska Chediak, no violoncelo.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

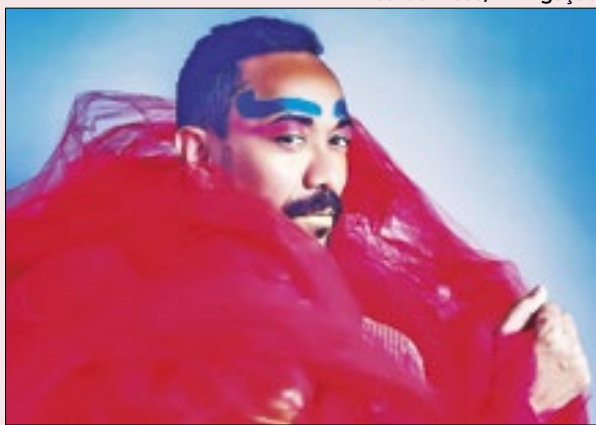
### Sons da Diáspora

O coletivo Clarianas prepara um mergulho profundo nas raízes musicais que unem Brasil e África através da diáspora. Em novembro, o grupo lançará "Xirê", seu novo álbum. A primeira amostra é "Bombogira", já disponível em todas as plataformas de música. A faixa vai além da reinterpretação de pontos e orins: é uma celebração apaixonada e contemporânea dessas canções ancestrais que explora as canções ritualísticas das línguas caboclas, portuguesas e iorubás (língua nativa africana falada na região do Golfo do Bênin).

Washington Gabriel/Divulgação



Ricardo Ricco/Divulgação



### Jardim de afetos

O mineiro Moisés Navarro acaba de lançar nas plataformas digitais o single "Jardim da Fantasia", releitura de canção de Paulinho Pedra Azul, que relembra a infância e adolescência de Moisés quando morava no interior de Minas. Seus pais, sempre colocavam o disco de Pedra Azul, para Moisés escutar. "Passei praticamente minha adolescência cantando essa música. Nunca a deixei fora de meu repertório, tenho boas lembranças, pois sempre cantava nas reuniões em família, roda de amigos, na escola e outros lugares que foram importantes e que fizeram parte da minha vida".

Camila Piccolo/Divulgação



### Trabalho colaborativo

Paulo Tó e Salloma Salomão vão da canção romântica canção ao funk carioca, em seu álbum colaborativo "Terno Azul" a ser lançado em janeiro. O projeto é introduzido pelo single "Diálogo de Insulto", disponível nas plataformas de música. A música oferece uma reflexão profunda sobre as complexidades dos relacionamentos modernos, explorando temas de solidão, busca por conexões e a sensação de se perder na vida contemporânea. As músicas do álbum "Terno Azul" foram concebidas durante o período da pandemia, com todo o processo criativo ocorrendo virtualmente.

# Irã, um tabuleiro político

Maratona cinéfila paulistana exhibe candidatos a cult que desafiaram o jugo da censura no país dos aiatolás



Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**A**o selecionar seu representante para disputar uma vaga na competição pelo Oscar de Melhor Filme Internacional na Academia de Hollywood, em 2024, o Irã bateu o martelo em prol de “The Night Guardian”, longa-metragem de visibilidade microscópica em âmbito global, de eixo melodramático. Reza Mirkarimi, seu diretor, conquistou a simpatia do regime político de sua

pátria com a saga de um jovem que aprende a dor de confiar na pessoa errada, num ensejo de fábula sobre a inocência.

É um ensejo que se materializa na forma e um longa doído, mas de pouca ousadia, o que surpreende quem analisa o atual quadro autoral do cinema feito em solo iraniano. Surpreende e frustra, sobretudo frustra, em especial quem passa por uma joia como “Zona Crítica” (“Mantagheye Bohrani”). É o ganhador do Leopardo de Ouro de 2023, consagrado com a láurea máxima do Festival de Locarno, na Suíça, por suas potências múltiplas. Tem sessão dele às 19h40 no Espaço Itaú Augusta 2, na 47ª Mostra de São Paulo.

Transgressor nas telas e fora delas, tanto por assumir um traficante como um herói humanista quanto



**‘Zona Crítica’, ganhador do Leopardo de Ouro, chega às telonas paulistanas**

por seu modelo de filmagem avesso a autorizações e burocracias, “Critical Zone” (“Mantagheye Bohrani”), frenético longa-metragem de Ali Ahmadzadeh, deu a um país que o rejeita um cult de aclamação global. Seu conteúdo transgressor – a crônica do dia a dia de um traficante de bom coração, que entrega

drogas a pessoas vulnerabilizadas pela vida ou pela opressão governamental – obrigou seu realizador a rodar a trama em sigilo, nas ruas de Teerã. Essa atitude (e a natureza do enredo) pode valer ao cineasta uma condenação legal, fora o fato de as autoridades iranianas rejeitarem qualquer reconhecimento à

produção. Mas essa é uma realidade comum a muitos diretores daquela pátria, como o artesão autoral Jafar Panahi (“O Balão Branco”), que já ficou em prisão domiciliar mais de uma vez por sua liberdade de expressão. Ahmadzadeh corre perigo. O governo iraniano chegou a exigir que ele retirasse o longa de concurso. Mas a vitória em Locarno garante posteridade a seu nome e a seu trabalho. Nascido em 1986, ele começou a filmar em 2008 e já havia atraído elogios por “Kami’s Party” (2013). Agora, após o rugido de um dos troféus mais cobichados do audiovisual, ele deixa um legado para a História.

“Esse filme é um grito de rebeldia de uma hora e meia”, disse o ator e cantor Lambert Wilson, o presidente do júri de Locarno.

Outro filme iraniano abraçado ao risco a passar pela Mostra de SP é “Aquiles”, de Farhad Delaram. Em sua trama, um ex-cineasta trabalha à noite como ortopedista em Teerã. Numa ala restrita da psiquiatria do hospital, ele conhece uma paciente sedada, uma presa política internada há anos. Juntos, eles se tornam fugitivos.

## DICAS DE TERÇA-FEIRA

**A MENINA, de Laura Anelia Guzmán:** Na véspera de seu encerramento, a Mostra nos leva por uma viagem ao coração da República Dominicana. Nesta delícia de cartografia de afetos, Dominique, uma mulher de meia-idade, vive sozinha na República Dominicana desde que os filhos saíram de casa. Ela aguarda, com ansiedade, a chegada do primeiro neto, que nascerá em outro país. Mas a vida muda repentinamente quando Carmen, sua empregada, desaparece e deixa para trás a neta de sete anos. Seguindo seus instintos maternos, Dominique passa a cuidar da criança. Ao lidar com a resistência da família sobre essa decisão, ela se vê desafiando suas prioridades. Circuito: Reserva Cultural 1, 13h30



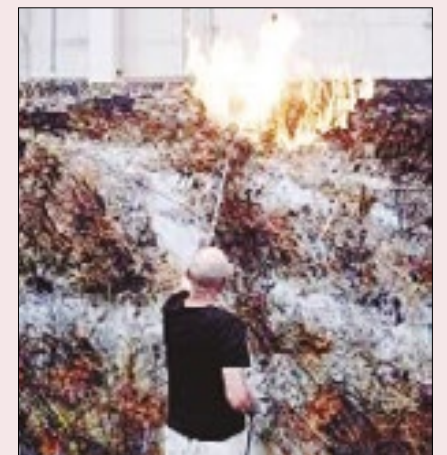
**A Menina**

**AGRA, de Kanu Behl:** A partir de um meticuloso roteiro nas raias do melodrama, este drama se esgueira pelo fantasma da rejeição. Em sua trama, Guru é um rapaz de 20 anos que trabalha em um call center em Agra, na Índia. Ele é apaixonado por Mala, uma colega de empresa, e ainda vive com os pais numa casa que é dividida em duas partes: o jovem mora no térreo com a mãe, enquanto o pai reside no andar de cima com a amante. Quando Guru anuncia que pretende se casar com Mala e fazer do terraço do imóvel o seu futuro quarto, nada sai como planejado e uma série de tabus explodem. Circuito: SPCine Lima Barreto, 17h.



**Agra**

**ANSELM - O BARULHO DO TEMPO, de Wim Wenders:** Pouco antes de deslumbrar Cannes com sua melhor ficção em duas décadas (“Perfect Days”), o realizador de “Paris, Texas” (1984) brilhou na Croisette com este experimento documental. Por mais de dois anos, o mestre alemão acompanhou o pintor e escultor alemão Anselm Kiefer em suas experimentações. O documentário retrata os mais de 50 anos de carreira do artista, além de suas memórias na Alemanha e os seus dias na França, onde vive atualmente. Wenders apresenta uma experiência cinematográfica da obra de Kiefer, que explora a existência humana e o movimento cíclico da história, inspirado pela literatura, pela poesia, pela ciência e pela religião. Circuito: Kinoplex Itaim Sala 2, 18h15.



**Anselm**

ENTREVISTA / CAIO BLAT, ATOR, DIRETOR E CURADOR DO FESTIVAL DE GRAMADO

# 'Todas as fronteiras me interessam'

Divulgação MUBI

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**V**ai ter fogo brasileiro, e pétala (de Guimarães Rosa) no frio da Estônia, no próximo dia 10, quando "Grande Sertão", de Guel Arraes, será exibido no Tallinn Black Nights Film Festival, com Caio Blat no papel de Riobaldo. Sua conexão com um dos personagens pilares da prosa do mineiro de Cordisburgo vem de uma experiência teatral que o astro fez no palco, sob a direção de Bia Lessa, pelas veredas do sertão das Gerais.

Essa experiência rendeu frutos e virou um ensaio cinematográfico: "O Diabo na Rua, no Meio do Redemunho". É uma narrativa não linear que Bia exhibe na 47ª Mostra de São Paulo nesta terça, às 17h45, no Espaço Itaú Frei Caneca 4.

Num fluxo de lembranças e vivências repleta de reflexões filosóficas, lendas e tradições, o jagunço Riobaldo relembra sua trajetória sertaneja: a juventude turbulenta, as experiências sangrentas no cangaço e o momento em que assume a liderança de seu grupo. Riobaldo é sempre acompanhado por Diadorim, um amigo misterioso que desperta sentimentos complexos no protagonista.

Ainda na Mostra, nesta quarta, a maratona cinéfila paulistana tem mais um (belo) trabalho de Caio na tela: "On Off", de Lírio Ferreira. A sessão será às 14h, no Cinesesc. A trama nos leva a uma noite de chuva torrencial na qual um renomado escritor encontra-se vagando sem documentos. Conduzido à delegacia, é confrontado pelo delegado sobre o que havia feito nas últimas quatro horas. O delegado confessa-se fã, Onoff não sabe o que confessar.

A maciça presença de Blat nas telas se conjuga com novas empreitadas profissionais em sua carreira. Em 2022, ele estreou como realizador de longas com "O Debate". Passou também a trabalhar como curador na seleção de longas do Festival de Gramado.

Na entrevista a seguir, Blat fala de encontros, descobertas e ousadias.

**De que forma a releitura teatral de**



**"Grande Sertão: Veredas" feita por Bia Lessa mudou o seu entendimento do seu papel no teatro e ampliou sua percepção do que o teatro pode revelar sobre o seu processo criativo?**

**Caio Blat:** Meu encontro com a Bia mudou toda a minha vida e mudou também o meu entendimento no teatro, porque ela é muito visceral e parte para uma emoção direta. A gente nunca estudava o texto do Guimarães Rosa, nem pensava como encenar. Ela sempre ia direto para a emoção urgente da cena que a gente ia trabalhar e ia improvisando em cima disso. É um processo muito coletivo. Ela não se importa com enfeites, cenário, luz, música. Ela só se importa com a emoção verdadeira do personagem. Tudo mais fica secundário, vai entrando depois na composição da Bia, por mais esteta que ela seja. Ela me alertou para um teatro muito imediato, onde a gente mergulha de cabeça na emoção do personagem e toda a encenação se constrói depois.

**Como foi reencontrar a dinâmica de Bia para o filme? O que saiu desse segundo olhar sobre Guimarães Rosa em "O Diabo na Rua, no Meio do Redemoinho"?**

Quando Bia decidiu fazer o registro no cinema, a gente achou tudo muito louco, realmente. Era uma transposição difícil. Já havia sido difícil a transposição do livro para o palco. Transpor então para um estúdio... A gente ficou abismado com a ousadia dessa mulher mais uma vez. Acho que a principal diferença é que no teatro a gente estava numa arena 360°, com o público de todos os lados e, no cinema, há um único espectador, que é a câmera. Sob esse método, há um único foco, cada vez mais próximo do Riobaldo, cada vez mais próximo dos personagens. Então foi um zoom e um foco unidirecional para uma peça que era uma gira em 360°, uma arena. Uma experiência coletiva virou uma contação pr'um único personagem. É como se o espectador estivesse o tempo inteiro ali na frente do

Riobaldo, bem colado nele mesmo. Para isso foi feita uma série de transposições de linguagem. É uma nova travessia, é um salto adiante.

**Você participa da Mostra também com "On Off", de Lírio Ferreira, que concorreu ao troféu Redentor no Festival do Rio. O que essa trama de tons policiais te apresentou?**

"On Off" foi uma experiência muito radical, que realmente me faz repensar tudo no cinema. Ele nasce de uma transmissão ao vivo de uma peça, daí vem a ideia de fazer tudo num plano sequência, porque essa apresentação começou com uma live na pandemia. É muito lindo quando você tem uma única unidade de tempo. O ator controla o ritmo, controla o tempo, faz um jogo com a câmera, que é uma coisa que eu adoro, mesmo em planos curtos. Um plano-sequência tem que ser, o tempo inteiro, um duelo do ator com a câmera, em que um está procurando o outro, um encontrando o outro, um se posicionando de acordo com o outro, dançando.

**Você incorporou o audiovisual de maneira frontal. Rodou longa, virou curador de Gramado... o que essa nova dieta de cinema traz para o seu entendimento do seu papel como artista?**

Eu nunca fiquei satisfeito só no papel de ator. Eu sempre quis saber tudo, entender tudo, participar de todas as decisões, criar a cena junto com o fotógrafo, com o diretor. Sempre dei muita opinião. Dirigir um filme foi um processo natural de querer dar conta do processo todo. Eu gosto muito de trabalhar no roteiro junto com o roteirista. Desde o desenvolvimento da ideia, até no encontro com o público, no lançamento, nos festivais. É importante estar em todas as pontas, em todas as fronteiras, participar do que está acontecendo no cinema brasileiro, lutar politicamente pelas nossas leis, pelos incentivos, pelos editais, pelos patrocínios, pela cota de tela, e lutar pela produção, para melhorar a qualidade dos filmes, trocar o máximo possível. Então, nessa lógica, é muito bom ser curador de um festival grande como Gramado para poder ver tudo que está acontecendo, selecionar, ajudar, selecionar os filmes que merecem destaque nesse momento, que merecem estar lá no tapete vermelho. Agora estou trabalhando no roteiro do "Cacilda", que é o meu próximo filme, e estou ao mesmo tempo na Mostra, lançando vários filmes. Todas as fronteiras me interessam.

## CORREIO CULTURAL

Reprodução Instagram



Matthew Perry foi encontrado morto em casa

## Polícia ainda investiga a causa da morte de Matthew Perry

A polícia de Los Angeles ainda investiga o que teria causado o afogamento do ator Mathew Perry, encontrado morto na bandeira de hidromassagem sua casa no fim de semana. De acordo com as informações iniciais, não havia drogas no local. Famoso por interpretar o personagem Chandler, da série "Friends", Perry tinha

54 anos e lançou no início do ano o livro "Amigos, Amores e Aquela Coisa Terrível", em que narra detalhes dos problemas que teve com dependência química durante as gravações do programa. Para gravar a sétima temporada do seriado, por exemplo, o ator tomava 55 comprimidos de vicodin, um analgésico à base de opioides.

### Ações culturais

O AfroReggae acaba de fechar parceria com a TV Globo para promover ações culturais e educacionais para a comunidade de Vigário Geral. O coração do projeto são as oficinas que oferecerão aulas de ballet e percussão para jovens.

### Luto na cultura

Morreu domingo, aos 80 anos, o sociólogo, filósofo e ex-seminarista Danilo Santos de Miranda. Ao longo das quatro décadas em que dirigiu o braço paulista do Sesc, ele se tornou a figura mais longeva e relevante da cultura de São Paulo.

### Mais Oiticica

A exposição "O que há de música em você" foi prorrogada até o dia 2 de dezembro. Em cartaz na Galeria Athena, a mostra apresenta edições únicas das icônicas obras "Relevo Espacial" e "Parangolé P4 Capa 1, de Hélio Oiticica.

### Recuperação

Branco Mello foi submetido a uma cirurgia para remoção de um tumor na língua há pouco mais de uma semana. A informação foi divulgada no Instagram do titã, que avisou aos seguidores que já está em casa se recuperando para mais shows.



As cenas de rivalidade entre Preciosa (Marina Ruy Barbosa) e Luna (Giovana Cordeiro) são bem vistas pela audiência e deverão ter mais espaço na trama

# Globo tenta colocar ordem em 'Fuzuê'

Emissora pede a Ricardo Linhares para ajudar novela a ser mais ágil; veja o que vai mudar no folhetim

Por Gabriel Vaquer (Folhapress)

**A** intervenção da Globo em "Fuzuê", sua atual novela das sete que tem sofrido com queda nos índices de audiência, passará a ficar mais visível para o telespectador na semana que vem. Ricardo Linhares, experiente nesta função, é quem tem comandado os trabalhos.

A primeira mudança feita por Linhares será no ritmo da novela. A emissora pediu uma narrativa mais acelerada, com cenas rápidas. O texto é bem avaliado, especialmente as piadas e as referências aos antigos folhetins do horário.

A Globo, no entanto, identificou que a parte da trama principal, sobre o tal tesouro de Maria Navalha (Olívia Araújo) estava arrastada e desinteressante para a audiência. Esse trecho foi bastante reduzido na intervenção de Linhares.

Um investimento feito pelo supervisor é nas brigas entre as protagonistas Lula (Giovana Cordeiro) e Preciosa (Marina Ruy Barbosa). O jogo de gato e rato delas, elogiado no grupo de discussão, será intensificado nos próximos capítulos.

Quem ganha mais espaço também é Bebel, papel defendido por Lília Cabral. Linhares viu um bom potencial de aproveitar o drama que a personagem tem

para tentar ganhar a aceitação do público.

Uma novidade também vai chegar no núcleo musical da novela. Talita Younan entrará na trama como uma cantora sertaneja chamada Selena Chicote para fazer dupla com Jefinho Sem Vergonha (Micael Borges).

Gustavo Reiz, o autor, e Fabrício Mamberti, diretor da novela, estão empolgados com a chegada de Linhares e espera que os números subam até o fim do ano, para a produção ganhar uma estabilidade em números.

Atualmente, "Fuzuê" tem média de 20,3 pontos na Grande São Paulo (cada ponto equivale a 207 mil indivíduos). Já é menos público que "Cara e Coragem" (2022) e "Quanto Mais Vida, Melhor!" (2021), que tiveram 20,7 e 20,5 pontos, respectivamente, e são considerados fracassos na Globo.

## Djaimilia Pereira de Almeida e Kalaf Epalanga refletem missão política dos escritores negros

Por Gabriel Trigueiro  
(Folhapress)

**D**jaimilia Pereira de Almeida e Kalaf Epalanga pertencem à nova geração de escritores da língua portuguesa, ou “pretuguesa”, como diria Epalanga ao pegar emprestado o neologismo criado pela antropóloga brasileira Lélia Gonzalez.

Os dois possuem uma origem comum: Epalanga é angolano e Djaimilia, luso-angolana. Ela acaba de lançar “O que É Ser uma Escritora Negra Hoje, de Acordo Comigo”, um livro composto por dois ensaios e uma entrevista, e ele, “Minha Pátria É a Língua Pretuguesa”, uma reunião de crônicas.

Suas obras discutem, por meio de paradoxos e ambiguidades, questões raciais complexas e a condição de escritores em um meio dominado por brancos.

Antes de serem escritores, os dois são leitores em constante diálogo com a tradição literária. Djaimilia tem formação em filosofia, o que fica evidente em seus textos. Epalanga constrói argumentos atentos a uma perspectiva histórica e sociológica --ou seja, com a preocupação de trazer o contexto temporal de cada sociedade para as discussões que propõe.

Descontadas as semelhanças, cada um possui um universo particular e infinito dentro de si. Epalanga, autor de “Também os Brancos Sabem Dançar”, é fundador da banda Buraka Som Sistema e cofundador do selo musical português Enchufada, responsável por misturar o ritmo angolano kuduro



Divulgação

*Djaimilia e Epalanga discutem em suas obras questões raciais complexas*

# Dois autores de língua ‘pretuguesa’

com gêneros eletrônicos europeus.

Se ele teve uma trajetória pausada por um sentido de extroversão, a de Djaimilia foi mais introspectiva. “Tornei-me negra no meu quarto”, define ela em entrevista por vídeo. “Ser negra por introspecção é destino de órfã.”

Segundo a autora de “Luanda, Lisboa, Paraíso”, premiado com o Oceanos, sua negritude não é expressa apenas em sua pele, seu cabelo e sua identidade física, mas sobretudo em sua identidade interior. Sua sensibilidade, sua percepção literária do mundo, é o ponto de vista de uma pessoa que carrega isso no corpo.

Já para Epalanga, se alguém nega sua existência, quando chega fevereiro essa mesma pessoa é incapaz de existir sem o samba. “Isso é

filosofia africana”, afirma.

Nas duas obras recém-lançadas, os autores ajudam a compreender a experiência afro-diaspórica brasileira em comparação com a angolana. Ambos são intelectuais cosmopolitas com antenas interessadas em captar as transformações do mundo.

As publicações trazem olhares plurais à nossa compreensão de questões raciais. Como o próprio Epalanga pontua, “o projeto colonial e, mais adiante, até mesmo a ditadura civil-militar, sempre cultuou um isolamento intencional e perverso do Brasil: dividir para dominar”. Segundo ele, os brasileiros jamais estiveram em diálogo real com as Américas ou com a África portuguesa.

Quer dizer, segundo o autor,

dificultar uma conversa com os países africanos de língua portuguesa, separando experiências negras que poderiam se fortalecer com esse contato, fez parte do projeto de poder feito para privilegiar a branquitude. Para Epalanga, no entanto, “a ficção é o único lugar onde os negros conseguem ser verdadeiramente livres”.

Uma das questões principais de “O que É Ser uma Escritora Negra Hoje” é a reflexão sobre quais são os usos que o establishment intelectual faz da figura da escritora negra. “Qual é o papel que lhe é dado nessa indústria? Ela tem liberdade para se rebelar contra esse papel?”, questiona.

Se por um lado jamais vivemos em um período tão propício à existência de escritoras negras, até que

ponto essa personagem é realmente admitida na conversa?

“A expectativa do establishment é a de que a escritora negra conte histórias com uma temática muito específica, para um público muito específico, ou ela pode desejar ser um Proust ou um Dostoiévski? Até que ponto lhe é dado esse espaço?”, interroga.

Djaimilia e Epalanga leem o momento atual com algum ceticismo. Para ela, ser uma escritora negra implica ter que lidar com dois grupos principais: de um lado pessoas que afirmam que questões de representatividade racial e de gênero são apenas um modismo editorial passageiro, do outro aqueles que a cobram um certo sentido de missão histórica ou que o seu projeto literário esteja subordinado a uma causa específica, à denúncia de uma determinada realidade social.

Para Epalanga, o capitalismo é muito inteligente e eficaz em se autopreservar: se vale da esquerda e da direita, por uma questão de equilíbrio de forças, para que seja mantido o status quo. “Ainda não há um modelo revolucionário, e possivelmente jamais teremos um, enquanto nos guirmos por esses dois polos”, afirma.

Mesmo diante da tendência do capitalismo em mercantilizar as esferas da vida e transformar representatividade em commodity, Djaimilia Pereira de Almeida e Kalaf Epalanga interpretam a realidade cultural e política a partir de sensibilidades complexas e até então ignoradas, ou pelo menos marginalizadas, pelo cânone literário.

Epalanga recorda que, durante muitos séculos, os negros escutaram que tanto sua filosofia como sua produção intelectual não tinha valor algum. No entanto, estamos lentamente começando a caminhar rumo a uma direção que esboça, ainda que timidamente, algum tipo de reparação histórica.

“Estamos desmontando algo que foi criado e aprimorado ao longo de cinco séculos. Não vamos conseguir desmontar em 50, 60 anos. O progresso é feito de avanços e recuos”, reflete ele.

## Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra  
uma liderança imbatível de mercado tem que  
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une  
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



**PROTEL**

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.